

Tecnobiografia

Matteus Yuri Antero Bento

Como tudo começou



Eu não poderia contar meu primeiro contato com a TV, o Rádio ou um telefone fixo porque essas tecnologias fazem parte da minha vida desde que eu nasci, então eu não me lembro do primeiro contato. Mas do meu primeiro contato com o computador eu me lembro.

O ano era 2004... não, na verdade era 2005... bom, talvez fosse 2006, mas o importante é que eu era muito novo. Eu estava no Fundamental I e tinha um amigo muito esperto para a nossa idade. Esse amigo me chamou para jogar [MU](#) numa lan-house há quatro quarteirões da minha casa. Essa distância astronômica, quase medida em anos-luz, fez com que minha família me proibisse de ir. Pois bem, passaram-se alguns meses e chegou a Festa Junina da minha escola e, considerando que a escola ficava no mesmo quarteirão que a minha casa, eu pude ir com os meus amigos sem nenhum responsável junto. Era a minha chance. O dinheiro que eu tinha ganhado, até então destinado a pastéis e doces, foi convertido em três ou quatro horas de contato com o desconhecido.

O primeiro problema foi logo no cadastro. “Cria uma senha aí pra você entrar no computador”. Senha? Okay. Bati os dedos no teclado de qualquer jeito, crente que era isso o esperado. “Repete a senha”. Bati outra vez sem a menor pretensão. “Elas tão diferentes, pensa um número que você vai lembrar depois.”. Resumo da ópera, eu fiquei pouco mais de 10 minutos tentando arrumar uma boa senha e por fim usei a mesma que meu amigo usava: os últimos quatro dígitos do telefone da casa dele. A senha mais segura que uma pessoa pode ter, obviamente.

O computador era lindo, mesmo pros meus olhos leigos. Os [periféricos](#) eram pretos, coisa chique para época, e a CPU tinha aqueles LEDs comuns em PCs Gamer. Meu amigo me ensinou tudo desde o login na minha conta na lan-house até as dicas de como ser um bom jogador de [MMORPGs](#). Aparentemente eu tinha jeito para coisa e antes da tarde acabar eu já estava relativamente autônomo no jogo e no computador.

Muitas tardes e muitas noites eu passei nas lan-houses da vida, jogando N jogos e assistindo animes online, antes de finalmente minha família adquirir um computador de mesa que, ainda hoje, aos 13 anos de vida útil, funciona perfeitamente. As coisas eram feitas para durar naqueles tempos. Em todo caso, esse computador não trouxe a internet consigo e então eu passava minhas tardes lendo livros em PDF que eu baixava na lan-house e trazia para ler em casa ou jogando joguinhos off-line, tanto daqueles que vinham em CDs da Digerati quanto os de emuladores de Nintendo e afins. ([Fire Emblem 4](#) pra SNES é o melhor jogo off-line do mundo e o Matteus pré-adolescente podia provar!)

Em 2014 a rede mundial de computadores finalmente alcançou a minha casa, mas isso é outra história.



Práticas Atuais



Διογένης



Hoje em dia meu contato com a tecnologia beira as 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Meu entretenimento é – quase – todo online. A começar pelo meu amado [League of Legends](#), incluindo-se nele os streamers e produtores de conteúdo como a Samira Close, passando pelos YouTubers que eu acompanho, como a Tatiana Feltrin e o Hello Future Me e pelas páginas que eu sigo no Facebook, como a “Momentos marcantes da tv brasileira em latim”, chegando às coisas mais simples, como minhas [playlists](#) no Spotify.

Do ponto de vista acadêmico a tecnologia também tem muita importância pra mim. A própria matrícula semestral é feita pela internet, já fiz – e ainda faço – disciplinas online pelo moodle, acesso uma série de artigos e livros disponíveis online, uso o [Diogenes](#), a [Latin Library](#) e o [Wiktionary](#) para agilizar a tradução de textos clássicos latinos (além de dicionários e gramáticas físicos, obviamente), já tive um grupo de estudos de latim com “encontros” semanais via Skype... Inúmeras funções haha.

Do ponto de vista profissional eu já me candidatei a muitas vagas divulgadas online, sempre mantive meus arquivos ligados a trabalho (e à faculdade também) na nuvem de modo que sempre estivessem à mão quando eu precisasse, mantenho [meu currículo Lattes](#) e meu perfil no LinkedIn atualizados...

Participo de muitas redes sociais mas devo dizer que o Facebook é minha queridinha. Nele faço parte de alguns grupos de discussão política, é por ele, melhor dizendo, pelas páginas que eu sigo nele, que eu me informo das notícias – tendo em vista que não assisto televisão nem tenho costume de ler jornal impresso – é nele que eu jogo fora boa parte do meu tempo livre, e é nele que eu me mantenho atualizado sobre a maior parte das discussões correntes nos movimentos sociais que eu tanto defendo. A bem da verdade, o Facebook foi um espaço muito importante para mim nesse sentido. Se não fosse por ele eu não teria tido um contato tão firme com tantas questões e provavelmente não me preocuparia com elas hoje em dia da mesma forma que eu não me preocupava antes do Face. Mas, sim, também tenho Instagram (apesar de usar muito pouco), Twitter (apesar de quase não twittar), Twitch TV (apesar de não streamar), YouTube (apesar de não postar vídeos) e Whatsapp. Não sei se isso conta como rede social (provavelmente não conta, mas vou usar o gancho em todo caso haha), mas vira e mexe eu participo de votações de [Ideias Legislativas no portal eCidadania](#), sobretudo as relacionadas à causa LGBT e à [neutralidade da rede](#).

Um dia na minha vida

1- Meu toque de despertador é uma versão instrumental da música Fly With Me do grupo chinês Shui Mu Nian Hua. Essa música faz parte do soundtrack do jogo Perfect World.

[Clique para ouvir](#)

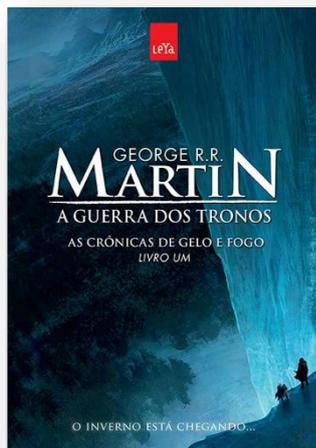
Ontem eu acordei com o despertador¹, tirei meu celular do carregador e conferi minhas notificações por ordem de prioridade: ligações, mensagens no whatsapp, e-mails, Facebook e algumas notificações do Instagram.

Fiquei o dia todo em casa usando o notebook. Eu precisei reler uns textos (PDF) para a minha atividade de monitoria à noite e usei Youtube/Spotify e Google Docs para montar um plano de aula pra minha matéria de didática de licenciatura.

De noite mandei alguns e-mails e algumas mensagens e fui para a faculdade. Lá estando, eu usei meu celular para, respectivamente, medir e matar o tempo durante a e depois da minha atividade.

Chegando em casa fui assistir um pouco de YouTube para esfriar a cabeça, respondi umas mensagens no Facebook e dormi.

Transições



Eu acho que a principal diferença que eu senti nas minhas práticas sociais em decorrência da tecnologia, sobretudo da internet, foi nos meus hábitos de leitura.

Eu comecei a ler muito cedo. Quando eu tinha 3-4 anos minha tia lia gibis da Turma da Mônica comigo toda noite e por isso eu acabei me acostumando com as letras rápido. Num pulo eu já estava lendo livros infantis sozinho, e no próximo pulo eu já estava lendo qualquer livro que caísse na minha mão. Esses livros, é importante dizer, eram sempre físicos, impressos, tinta sobre papel. Assim que eu passei a ter um computador em casa, conforme eu comentei antes, eu comecei a ler um grande volume de livros em PDF. Lia de tudo: eu simplesmente abria o antigo [4Shared](#) e baixava qualquer documento cujo título me interessasse na aba *PDF*, inclusive li os cinco livros publicados d'As Crônicas de Gelo e Fogo sem saber da fama por trás deles. Até aí as coisas iam bem, eu transitava entre livros físicos e digitais mantendo a quantidade e a frequência como as únicas constantes na minha leitura. Competia com minhas amigas para ver quem preenchia primeiro a ficha de empréstimos na biblioteca municipal. Mas então veio a internet.

Colocar internet em casa foi um veneno pros meus hábitos de leitura. Eu comecei a consumir vídeos, jogos, blogs e afins com uma frequência tão grande que comecei a preterir os livros. Se antes eu levava um dia e meio para ler 300 páginas, a essa altura eu já levava uma semana. E, sim, eu ainda lia muito, afinal os jogos e blogs tinham invariavelmente muitos textos, mas minha leitura começou a exigir uma certa dinamicidade e topicalidade, se é que eu estou me fazendo entender, que o livro – digital ou físico – não oferece. O fluxo estável e contínuo de texto que o livro proporciona não estava mais prendendo minha atenção como prendia.

Ano retrasado eu me dei conta do quão grande estava o problema. Cheguei em casa com alguns livros novos e fui guarda-los. Não tinha mais espaço na estante e então eu resolvi guardar numa caixa os que eu não tivesse gostado muito. Pois é, eu ainda não tinha lido uma vergonhosamente grande parte deles. De lá para cá eu venho me forçando a ler cada vez mais livros e acho que estou conseguindo reverter o quadro.

Comparações

É engraçado comparar meus hábitos digitais com os hábitos digitais das gerações anteriores e posteriores. Se eu olho para cima, minhas tias por exemplo, pessoas que só muito recentemente começaram a usar a internet, demonstram constantemente um certo deslumbramento. Um meme no whatsapp é uma festa, um post no Facebook é um desafio engraçado, um vídeo no YouTube transforma a tela do celular no centro magnético da Terra por alguns minutos. E quando eu vejo esse deslumbramento eu tenho certeza que é o mesmo que eu tive lá em 2004 (-5, ou -6, não em lembro) na minha primeira ida à lan-house do bairro, só que cristalizado de uma maneira que só uma experiência profunda no auge da maturidade consegue cristalizar – e que eu perdi por força da adaptação natural à juventude.

Se eu olho para baixo, como meus ex-alunos e primos muito mais jovens, eu não vejo nada. Eu não vejo nada porque não tem nada para ser visto. Da mesma forma que eles não percebem que a internet não é um traço inerente da experiência eu também não percebo neles uma zona de contato entre a vida real e a vida virtual. Elas se entrecruzam de tal forma que se tornam indissociáveis. Não existe um hábito digital. Existe um hábito. O celular é nada mais que uma extensão da mão e usar as redes sociais é um movimento tão inconsciente quanto mover o diafragma para respirar. Não tem um sujeito

volitante decidindo “vou entrar no Instagram”. O Instagram é entrado. Sem agente, da passiva ou do papel temático.

Avaliação



Eu acho que uma das experiências mais negativas que eu tive com a tecnologia foi em meados de 2013. Estava na moda um determinado app, cujo nome eu não me lembro mais, que se conectava ao seu Facebook para receber sua lista de amigos e “amigos de amigos”. As pessoas dessa lista que também usassem o app tinham acesso a tudo que você postasse no app e podiam comentar suas postagens, mas tudo era feito de maneira anônima. Então você sabia que as postagens ou os comentários eram de pessoas relativamente próximas a você, mas você nunca sabia exatamente quem. Pois bem, eu fiz uma postagem no app sobre um show que teve aqui na cidade, falando sobre como os dançarinos eram bonitos e bem ensaiados. A resposta foi uma onda gigantesca de ódio, machismo e misoginia – as pessoas presumiram que eu fosse uma mulher pelo teor do comentário – que eu sinceramente não estava esperando e nem consegui lidar. Apaguei o app no mesmo dia.

Agora, uma das mais positivas tem a ver com o LoL – meu pequeno vício. Para jogar League, via de regra, você precisa de mais quatro pessoas junto de você. Essas pessoas podem ser seus contatos, seus amigos, ou então desconhecidos que o sistema de gerenciamento de partida considera estarem no mesmo nível de jogo que você. Alguns desses desconhecidos se mostraram pessoas maravilhosas e, por isso mesmo, deixaram de ser um simples contato no jogo e se tornam meus amigos para a vida. E, sinceramente, pouca coisa mostra melhor a índole de uma pessoa do que uma call errada pra Baron. Ou a pessoa é legal e administra a raiva ou o mundo desaba ali na hora hahaha.

Quando eu fui professor de inglês eu usava apresentações de slides como suporte para as minhas aulas, e isso funcionava muito bem. Atualmente eu não dou aulas, mas tenho um trabalho de Didática por vir no qual eu preciso dar uma aula usando a abordagem humanista. Nessa aula eu e meu grupo vamos usar QR Codes para disponibilizar conteúdo online para os nossos alunos (se, bem que não se fala em “alunos” no humanismo, mas que seja). Eu tenho certeza que essa vai ser uma experiência muito legal, porque eu amo a praticidade e o dinamismo dos QR Codes e acho que os alunos vão gostar também. Inclusive esse código aqui do lado vai te levar para um vídeo muito bacana sobre como os Quick Response Codes nos ajudam a interagir com o mundo.